

Operadora:

Boa tarde, senhoras e senhores. Sejam bem vindos à teleconferência da Coelce sobre os resultados do 4T e ano de 2013.

Informamos que a apresentação está sendo gravada e todos os participantes estarão apenas ouvindo a teleconferência durante a apresentação da Empresa. Em seguida, iniciaremos a sessão de perguntas e respostas, quando maiores instruções serão fornecidas. Caso algum dos senhores necessite de alguma assistência durante a conferência, queira, por favor, solicitar a ajuda de um operador, digitando *0.

O áudio e os slides desta teleconferência estão sendo apresentados simultaneamente pela Internet, no endereço www.coelce.com.br/ri.htm. Neste endereço, os senhores identificarão o banner com o título 'Webcast 4T13', que os conduzirá à plataforma da apresentação. Perguntas podem ser feitas através da plataforma de *webcast*, clicando-se no ícone 'pergunta ao palestrante'. Estas perguntas podem ser encaminhadas a qualquer momento. Caso alguém necessite de uma cópia do *earnings release*, também podem encontrá-lo no site ou na própria plataforma desta teleconferência.

Antes de prosseguir, gostaríamos de esclarecer que eventuais declarações que possam ser feitas durante esta teleconferência, relativas às perspectivas de negócios da Coelce, projeções e metas operacionais e financeiras, constituem-se em crenças e premissas da Diretoria da Companhia, bem como em informações atualmente disponíveis. Elas envolvem riscos e incertezas, pois se referem a eventos futuros e, portanto, dependem de circunstâncias que podem ou não ocorrer. Os investidores devem compreender que condições econômicas gerais, da indústria e outros fatores operacionais podem afetar o desempenho futuro da Coelce e conduzir a resultados que diferem materialmente daqueles expressos em tais considerações futuras.

Informamos também que a presente teleconferência destina-se exclusivamente a comentar os resultados operacionais e econômico-financeiros da Coelce no 4T e ano de 2013, divulgados ao mercado em 6 de fevereiro de 2014.

Conosco hoje em Niterói, sede da Endesa Brasil, o Sr. Abel Alves Rochinha, Diretor Presidente, e o Sr. Teobaldo Leal, Diretor de Relações com Investidores. Ambos estão apoiados pela equipe de Relações com Investidores.

O Sr. Abel começará fazendo comentários sobre o desempenho da Coelce no 4T e ano de 2013, e então abrirá a teleconferência para a sessão de perguntas e respostas.

Passo agora a palavra ao Sr. Abel. Sr. Abel pode prosseguir.

Abel Alves Rochinha:

Boa tarde a todos. É sempre um prazer estar presente com nossos acionistas para falar sobre os resultados da Companhia.

Acho que a melhor forma de começarmos a conferência é pularmos diretamente para a página cinco. Nem todos os acionistas ou analistas acompanham periodicamente o funcionamento do mercado de energia no Brasil, então é importante lembrar o que aconteceu no ano de 2013, porque isso tem efeitos bastante relevantes nos resultados que vamos apresentar.

Não é novidade nenhuma, a famosa MP 579, que veio trazer três diferentes efeitos. Para quem não se lembra, foram: a redução do custo das contas de luz realizada pela Presidente Dilma em fevereiro do ano passado, o resultado final só vem fevereiro, que levou a, um, redução das tarifas no Brasil todo, através de dois efeitos – um de redução de encargos e outro da renovação das concessões de uma série de hidroelétricas antigas –, e isso levou a redução de custo de encargos, mas como não houve adesão de 100% da energia que existia no mercado, levou todas as distribuidoras do Brasil a uma maior exposição ao mercado spot. Daí saiu uma posição na qual havia uma tarifa menor, mas, ao mesmo tempo, uma exposição ao mercado spot que não existia, que foi involuntária na maioria, em quase 100% das distribuidoras brasileiras.

O segundo efeito perdura até hoje, que é a questão do nível de reservatórios, que obrigou o despacho das térmicas no decorrer do ano de 2013, o que levou a um incremento de custos de compra de energia, conduzido principalmente não só pela exposição ao mercado spot, como também porque as distribuidoras tiveram que bancar esse custo, o que levou a valores a serem recuperados em 2014 por conta de 2013.

Há um terceiro efeito, o efeito do repasse da CDE, que foi em parte positivo, do lado das distribuidoras, que permitiu às distribuidoras não terem que bancar com seu caixa próprio a totalidade dos custos das térmicas no decorrer de 2013. No caso da Coelce, vamos ver um pouco mais à frente, só ela recebeu R\$180 milhões de repasse de CDE, que foi utilizado para pagar diretamente o custo das térmicas.

E o último efeito foi mais estrutural, o que já era esperado, que foi o efeito do terceiro ciclo tarifário. A Coelce foi a primeira empresa – a Coelce tem essa particularidade – de distribuição no Brasil a entrar em um ciclo tarifário, quando será feito um novo ciclo. Esse foi o terceiro, e nós entramos. Se lembrarmos, houve uma série de indefinições, discussões e debates sobre a metodologia do terceiro ciclo tarifário, e isso conduziu a uma questão na Coelce sobre o congelamento, por um ano, da tarifa anterior, e automaticamente, uma receita extraordinária, que agora, em 2013 e 2014, está sendo devolvida aos clientes através da tarifa.

Também não é novidade nenhuma, naqueles momentos, para nós era pioneirismo, mas agora ficou bastante claro que o efeito do terceiro ciclo tarifário foi de redução da rentabilidade de todas as distribuidoras que passaram por ele. Só para lembrar, em 2015 iniciaremos o quarto ciclo tarifário, que terá sua própria história a contar para frente.

Na página seis, tentamos resumir, só para lembrar, no caso específico da Coelce, como passamos esses últimos anos. Em 2011, iniciou-se o terceiro ciclo, da mesma forma como em 2015 se iniciará o quarto ciclo tarifário da Coelce. Em 2011 houve essa questão toda do debate com relação a como seria o terceiro ciclo.

Acho que todo mundo pode lembrar a questão do benchmark, saímos de uma empresa de referência para o conceito de benchmark, havia uma grande discussão acerca do valor do WACC etc. Houve uma clara indefinição, e o terceiro ciclo, que deveria ter iniciado a vigorar em 22 de abril de 2011, essa discussão veio em 2010 e 2011, foi postergado para 2012.

Tivemos um congelamento da tarifa que existia em 2011, que, como toda revisão, captura os ganhos de produtividade para os clientes, traduz isso em modicidade tarifária, e com isso, como você teve zero de mudança, você auferiu uma receita extraordinária em função desse atraso. Em 22 de abril de 2012 ocorreu a aplicação simultânea do terceiro ciclo e do reajuste tarifário de 2012. Deu uma mudança de - 6,76%.

Em 2013, o resultado que estamos falando agora, a Aneel determinou que os ganhos extraordinários que tivemos em 2011 e 2012 deverão ser devolvidos em duas partes, a primeira delas em 2013 e a segunda em 2014. Cada metade desse ganho se traduz em alguma coisa da ordem de R\$143 milhões a valor atual, isso é corrigido.

Vale lembrar que – é um engano que muitas vezes se comete – em termos de ano-calendário, como o ano tarifário da Coelce começa em 22 de abril, o valor total se distribui entre o próprio ano, 2013, e o ano de 2014. Quase 8/12 do valor vão para 2013, e o restante para 2014 e por aí vai.

Lembrando desse cronograma, desse histórico do desenvolvimento dos resultados da Coelce, isso é fundamental para entendermos como funcionou, e eu vou voltar a esse assunto. Basicamente, temos três *drivers*, três situações, ou três fatores que determinam o resultado da Coelce em 2013.

Eles estão ligados ao custo de energia maior, que será recuperado no reajuste tarifário de 2014, estão ligados à devolução dessa receita extraordinária, e estão ligados à própria questão estrutural para o terceiro ciclo tarifário, que levou a uma redução de rentabilidade. Esses são os três principais fatores que conduziram ao resultado da Coelce em 2013.

Seguindo a apresentação, na página oito, voltando para o nosso esquema normal da apresentação, só para falar como fechamos o ano. Eu destacaria o gráfico da página oito à direita embaixo, que é o crescimento anual de demanda.

De 2006 a 2013, a Coelce tem crescido composto em 6,7% ao ano. É um número muito expressivo. Tem momentos no período em que houve um crescimento baixo, como 2011 para 2010, depois volta a crescer forte em 2012, mas quando olhamos esse período, temos um crescimento bastante importante; estava na casa de 6%, ultrapassamos os 6,5%, rumando para 7% de crescimento.

Olhando em cima, no gráfico, não há grandes novidades. Em termos de números de clientes, seguramente os residenciais são os mais pesados, mas mantém-se a qualidade entre residenciais e os que chamamos de baixa renda, que recebem o subsídio de baixa renda. É quase 1:1 entre clientes residenciais e baixa renda. E veremos que são esses, também, que puxaram a demanda no decorrer de 2013.

Na evolução do PIB do Ceará, que está na linha mais grossa, no azul mais escuro, vocês observam que nos últimos anos, de 2008 até agora – ainda não temos o número de 2013 –, o PIB do Ceará é superior, vem em uma curva acima do PIB do Brasil. Em uma conta muito rápida, na ordem de 1,4x acima da média do PIB brasileiro.

Na página nove, já falamos diversas vezes, acho que não vale a pena bater muito no ponto aqui, porque eu acho que o resultado da Coelce neste ano é o ponto mais

relevante a ser comentado, mas a quantidade de prêmios e resultados demonstra de forma clara a performance e o desempenho da Coelce nos últimos anos.

Agora na página 11, o crescimento do mercado, vamos observar que temos uma evolução de clientes de 4,9%, agregamos 162.000 clientes a mais, e isso também respondeu pelo maior volume de investimentos, R\$124 milhões dos nossos investimentos foram para novos clientes.

E de novo, também é interessante, se pegarmos do final de 2010, 2011 até 2013, temos um crescimento de número de clientes composto na casa dos 4%. Então, temos 6,7% de crescimento de demanda, de venda de energia, e 4% do número de clientes. São números expressivos, qualquer que seja a hipótese.

Para o ano de 2013 especificamente, a Coelce cresceu sua venda e transporte de energia em 9,3%; 8,5% no mercado cativo e 15,7% de clientes livres, que passaram de 43 para 68, e continuam pagando a tarifa fio, mas que respondem por um crescimento importante na demanda de energia.

Quando olhamos no gráfico da esquerda abaixo, aquilo que eu comentei há um ou dois slides, o forte crescimento está no mercado residencial; 13% do crescimento é oriundo do mercado residencial. O número do mercado industrial está mascarado. Quando retiramos os efeitos da migração para mercado livre, vemos que também há um crescimento importante, de 14%.

Olhando agora a evolução do consumo, principalmente em 2012 e 2013, o Ceará cresceu 9,3%, o Nordeste, que vem crescendo a taxas maiores que o Brasil, cresceu 5,6%, e acima do crescimento no Brasil, de 3,2%. O Ceará teve um crescimento quase 3x superior ao crescimento da média brasileira.

Falando de resultados operacionais, na página 13, DEC e FEC têm piorado. Parte está descrita nos gráfico abaixo, pelo efeito dos apagões. O efeito do apagão em si tem levado a piorar o DEC o FEC, mas em parte; outra parte é performance nossa. O crescimento de demanda e de número de clientes têm conduzido a não sermos capazes de acompanhar a performance esperada, mas estamos muito melhores que as metas da Aneel. Terminamos o DEC com 9,12h, e a meta que a Aneel coloca para a Coelce é de 13,83h; terminamos o FEC com 5,12x e a meta da Aneel é de 11,15x. Então, temos uma pequena deterioração da qualidade de serviços, mas muito melhor, inclusive, do que a tarifa remunera à distribuidora.

Na página 14, melhoramos em perdas; perdas melhoraram 0,11 p.p., fechamos com 12,48%. De novo, é uma questão bastante sob controle (17:18) com a Coelce. A maior parte dessa perda é perda técnica, da ordem de 10,5%, mais ou menos. Então, continua não sendo um problema para a Coelce, e a arrecadação vem vindo muito bem. Os números que os bancos apresentaram, de uma arrecadação melhor que o esperado, também são refletidos aqui na Coelce. Conseguimos bater a média dos últimos 12 meses, imóvel, comparando o que foi faturado com o que foi recebido, acima daquilo que foi faturado no mês passado, recuperando dívidas passadas. Então, também não é um ponto de preocupação, é um ponto de excelente performance para a Companhia.

Na página 15, mantemos os mesmos números: a evolução de MW por cliente tem crescido mais ou menos na taxa entre o número de crescimento de clientes e crescimento da demanda, sem muitos mistérios, mas o custo que se observa, apesar

de um soluço no 4T, principalmente por um efeito não-recorrente, que foi a reversão da provisão de crédito para a CCEE, que é um caso já bem antigo, todas as distribuidoras que estão sendo solicitadas a fazerem esse lançamento, porque já tem anos e ainda não se chegou a nenhuma conclusão. Mas, retirando esse valor, ele desceria para a média de R\$34,07, e o custo médio da Companhia por cliente trimestre a trimestre está na casa dos R\$31,76, R\$32.

Ou seja, se observamos o composto dos últimos anos, de 2010 a 2013, é bem interessante observar que o custo por cliente cresceu, composto, 1,7% ao ano, ao mesmo tempo em que crescemos a taxas, como já vimos, de 4,2% em clientes, e uma inflação anual em IGP-M – tanto faz IPCA ou IGP-M, dará quase a mesma coisa – na casa dos 6%.

Então, temos ficado mais ou menos estáveis, enquanto a inflação tem crescido bastante. Nesse período, nosso custo foi de 5,1%, contra 19,2% ou 18,4%, pode escolher o índice de inflação. Então, mantemos a estratégia que já vínhamos mantendo, de ter custos extremamente competitivos.

Passando agora para a página 17, e relembro aquele ponto que comentei um pouco, os três principais aspectos que levaram ao resultado da Empresa, nós saímos de uma margem EBITDA de 22,71% para algo na casa de 14,1%; valores em dinheiro, monetários, de R\$657 milhões contra R\$402 milhões de EBITDA.

Basicamente, a grande explicação – os analistas adoram ver linha a linha, mas se sair um pouco da floresta e observar as árvores, as grandes explicações são as três que já contei: a devolução da primeira parte da receita extraordinária obtida em 2011 e 2012, que é um total de R\$143 milhões, e no período de abril a dezembro isso responde por R\$95 milhões, ou seja, o que foi recebido anteriormente e agora está sendo devolvido em menor tarifa ao cliente.

A elevação dos custos de compra de energia: temos a receber, a partir de 22 de abril de 2014, R\$41 milhões de CVA, de valor a maior de energia, e temos, aí sim o que é estrutural, que foi o fato de redução do WACC, de benchmark etc., que conduziram, a todas as distribuidoras, a uma queda de sua rentabilidade. Quem se der ao trabalho de fazer a conta e acrescentar a segunda parte da receita extraordinária vai observar que esses números explicam a quase totalidade dos efeitos.

Indo para a página 18, só para lembrar, temos quase R\$40 milhões para receber neste ano, em 2014, e tivemos repasses de R\$180 milhões. Então, imaginem que apenas a diferença de energia falaria por algo na casa de R\$220 milhões. Essas explicações nós já comentamos no índice anterior.

Falando do detalhamento de custos operacionais, na página 19, nenhum mistério sobre aquilo que já comentamos. Aqui tem diversos efeitos não recorrentes, e já falamos lá atrás sobre a questão dos custos operacionais, que estão refletidos aqui na última linha, comparando 2013 com 2012, em que há uma variação de 6%. Se considerarmos, mesmo assim, que tem alguns efeitos não recorrentes, isso estaria acompanhando a inflação nos custos.

Na página 20, a questão do lucro está intimamente ligada ao EBITDA, que sai de R\$420 milhões de lucro líquido em 2012 para R\$156,5 milhões em 2013. Basicamente, temos uma perda grande no EBITDA, que já explicamos anteriormente, e outra variação; talvez o mais relevante aqui seja falar um pouco sobre a redução na

receita do ativo indenizável, que em 2012 tivemos um ganho de R\$180 milhões, depois tem que descontar imposto de renda para fazer o efeito no lucro, e foi uma reavaliação do valor futuro da Companhia.

Essa reavaliação, obviamente, não gera caixa; no ano passado, é só lembrar, expurgamos isso para cálculo dos dividendos, porque o conservadorismo financeiro não nos indicaria fazer isso, e este ano, como não temos, existe uma diferença muito grande, que é o que explica o restante dos números que temos aqui.

Na página 21, investimentos da ordem de quase R\$300 milhões, R\$293 milhões. Basicamente, se observarmos o 'pizza', ou o nome que quisermos dar a esse gráfico, estamos falando em 33% de novas conexões; estamos falando em Luz Para Todos, PLPT de 11%, está com 44%, mais a demanda que não deixa de ser cliente, o aumento de venda, 59%; quase 60% dos investimentos da Companhia estão ligados ou a aumento de demanda, ou aumento de cliente. Isso se traduz de forma bastante clara.

Na página 22, com exceção do fato de o EBITDA ter caído, isso puxou a dívida líquida/EBITDA para 2x, distante do número de 3x, mais que o que todo mundo observa, bastante confortável. A questão da dívida continua sendo um número muito tranquilo: R\$935 milhões, 33% da dívida líquida sobre dívida + PL, boa parte colocada no longo prazo, 83% no longo prazo e 17% no curto prazo, um caixa de R\$107 milhões e nenhum problema com USD. A curva de demonstração, se observarem, aumenta mesmo após 2016. Então, nenhuma preocupação com a Companhia, R\$828 milhões de dívida líquida.

E a tipologia não mudou basicamente nada. Acho interessante o que se observa no quadro, que 51% são créditos que têm alguma forma de incentivo: BNDES, BNB e Eletrobrás/Luz Para Todos.

Na página 23, a proposta da administração a ser submetida à AGO, de distribuição de resultados. A ideia é continuarmos os números de *payout* na casa de 80%. Só para acompanharmos os números, cerca de R\$156 milhões, retiramos o benefício da Sudene, que não é distribuível, de R\$60 milhões, e aí temos R\$96 milhões passíveis de distribuição, sendo que 1/3 perfaria o dividendo mínimo e 2/3 perfariam dividendos adicionais, totalizando R\$77 milhões, o que seria um *payout* de 80% sobre isso.

Resta um valor de resultados abrangentes, que basicamente, pela legislação, são valores de benefícios pós-emprego, e o IFRS demanda que sejam contabilizados a patrimônio líquido. Então, seria obrigado, de qualquer maneira, realizá-lo, restando R\$5 milhões, quase nada, de valores à destinação para reserva de lucros.

Basicamente, o resultado dos dividendos demonstra evolução, o que demonstra, também, o efeito de 2013, de o lucro ter sido bem abaixo do que normalmente a Companhia vinha cedendo.

Teobaldo, você tem algum comentário que não tenhamos falado?

Teobaldo Leal:

Não, acho que foi bem expressado o resultado. Vamos abrir para perguntas.

Abel Alves Rochinha:

Vamos abrir para perguntas então.

Fernando Leitão, Hoya Corretora:

Senhores, boa tarde, e obrigado pelo *call*. Eu posso até estar querendo me antecipar, mas gostaria de ter uma ideia do que vem acontecendo neste final de ano e no início de 2014 com relação a essa estiagem e, portanto, a alta dos preços do mercado livre. De que maneira isso impacta no custo da Coelce? Nós sabemos que no Norte e Nordeste a incidência das termoeletricas é um pouco maior, ou pelo menos é grande. Então, eu gostaria de ter uma ideia desses acontecimentos, por favor. Depois eu tenho mais duas perguntas. Obrigado.

Abel Alves Rochinha:

Fernando, com relação a isso, sendo muito honesto com você, estamos acompanhando exatamente o que vocês estão acompanhando pela imprensa. Não temos nenhuma novidade. O Governo vem discutindo internamente medidas que possam mitigar essa questão, mas o que temos é o que a imprensa tem publicado.

Não há nenhuma novidade a mais que eu possa lhe adiantar. A única coisa que eu posso garantir é que temos R\$41 milhões de CVAs, valores de energia a serem recebidos, que vão entrar agora no reajuste tarifário de 22 de abril de 2014.

Temos acompanhado com muito cuidado a evolução dos acontecimentos e medidas, e possíveis ações do Governo nesse sentido. Nossa preocupação é igual à de todas as pessoas.

Fernando Leitão:

É, mas no caso da incidência das térmicas, isso não causa um impacto maior no custo para a Coelce?

Abel Alves Rochinha:

Da mesma forma que ocorreu em 2013. Não há nenhuma grande novidade com relação a isso. O que você está colocando está muito correto, mas é um efeito similar.

Vamos falar de 2013. Primeiro, bem lembrado, Teobaldo, isso é um efeito que afeta todo o sistema. Segundo, podemos falar de 2013, porque é mais concreto, é onde temos dados. Se não houvesse a colocação do CDE como auxiliar, ou como forma de mitigar os custos de energia, nós teríamos R\$220 milhões, e não R\$40 milhões a receber à frente. Como isso vai direto no EBITDA, imagine que efeito isso teria no resultado da Companhia. Não é novidade nenhuma para ninguém.

R\$180 milhões vieram diretamente através do fundo e foi feito o pagamento diretamente à térmicas, e R\$40 milhões ficaram por receber no reajuste tarifário agora, de 22 de abril de 2014.

Dizer o que vai acontecer em 2014 é bola de cristal. Não tenho muito como lhe dizer.

Fernando Leitão:

Sem dúvida. Agora, por favor, a outra pergunta refere-se ao evento de segunda-feira. O controlador fará uma OPA voluntária ao preço de R\$49. Obviamente que aqueles que entrarem vendendo suas ações não terão direito a receber o dividendo, porque ele está embutido ainda dentro da ação, desses R\$49. E é uma situação um pouco curiosa, porque o acionista não sabe qual será o futuro da Coelce. Se o controlador vai fechar o capital, se não vão fechar o capital; nada foi dito nesse sentido, mas obviamente, parte da nossa vida no mercado de ações é feita de especulação. Eu gostaria que você, em podendo, tecesse alguns comentários a respeito desse evento de segunda-feira. Obrigado.

Abel Alves Rochinha:

Fernando, sendo muito honesto e transparente, eu não posso fazer nenhum comentário, por razões óbvias. Se você tiver qualquer discussão e quiser levantar esse ponto, o pessoal de relação de investidores da Enersis está 100% disponível para conversar e dirimir esse tipo de dúvida que você tenha. Mas nós da Companhia, por razões óbvias, não podemos fazer absolutamente nenhum comentário.

Qual é o contato temos para passar da Enersis, Hugo?

Hugo:

Só complementando a informação do Abel, no site de relações com investidores da Enersis tem todas as informações de contato. Então, www.enersis.cl. Lá vocês podem encontrar as informações da área de RI deles.

Abel Alves Rochinha:

Podem entrar em contato com eles e levantar essas questões. Acho que eles estarão bastante satisfeitos em responder.

Fernando Leitão:

OK. Obrigado.

Operadora:

Não havendo mais perguntas, retornamos a palavra ao Sr. Abel para suas considerações finais.

Abel Alves Rochinha:

Cabe a mim agradecer sempre a disposição de todos em nos ouvir e participar deste *conference call* falando dos resultados da Coelce. Por mim está OK.

Teobaldo, algum comentário?

Teobaldo Leal:

Só queria agradecer a todos pela participação e, como sempre, dizer que nós no RI estamos à disposição para atender os analistas e acionistas quando desejarem.

Abel Alves Rochinha:

Muito obrigado a todos.

Operadora:

Senhoras e senhores, a teleconferência da Coelce está encerrada. Muito obrigada pela participação e uma boa tarde.

“Este documento é uma transcrição produzida pela MZ. A MZ faz o possível para garantir a qualidade (atual, precisa e completa) da transcrição. Entretanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais falhas, já que o texto depende da qualidade do áudio e da clareza discursiva dos palestrantes. Portanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais danos ou prejuízos que possam surgir com o uso, acesso, segurança, manutenção, distribuição e/ou transmissão desta transcrição. Este documento é uma transcrição simples e não reflete nenhuma opinião de investimento da MZ. Todo o conteúdo deste documento é de responsabilidade total e exclusiva da empresa que realizou o evento transcrito pela MZ. Por favor, consulte o *website* de relações com investidor (e/ou institucional) da respectiva companhia para mais condições e termos importantes e específicos relacionados ao uso desta transcrição.”